

A RETÓRICA PLATÔNICA: UMA LEITURA CRÍTICA DO GÓRGIAS DE PLATÃO

Guilherme de F., RODRIGUES
(Orientador): Prof. Dr.: Flávio Ribeiro de Oliveira

RESUMO: Discutir-se-á nesse trabalho, um primeiro passo para um estudo mais aprofundado, uma interpretação crítica do *Górgias* de Platão (427- 347 a.C.), focando-se no tema da retórica. Desse modo também iremos trazer a tona algumas outras obras de Platão rapidamente, como o *Fedro*, a *República* e o *Menon*, a fim de complementar melhor o trabalho. No *Górgias*, depara-se com Sócrates dialogando com três interlocutores: Górgias, Polo e Cálicles; esses a fim de procurar a verdade da retórica e seu uso na sociedade grega. Colocamo-nos assim a procurar a fundo alguns temas nessa obra para este trabalho: O orador de Platão; Os sofistas na visão platônica; A busca da verdade através da retórica e A retórica como arte. Esses temas se mostraram muito pertinentes em nosso estudo das características da retórica platônica.

Palavras-Chave: Estudos Clássicos; Grego; Platão; Retórica; Górgias.

Introdução

Um dos diálogos de Platão mais conhecidos e estudados é o *Górgias*, com diversas fontes de pesquisa, essa obra traz diversos tipos de interpretações diferentes. Dado como o mais moderno dos diálogos de Platão (DODDS, 1959; PULQUÉRIO, 2006) traz o tema da retórica como seu ponto central da discussão. Primariamente, numa leitura superficial da obra, pode-se pensar no *Górgias* como meramente uma crítica a retórica clássica que Platão faz, endossando ainda os democratas de seu tempo que condenaram Sócrates, ora, a leitura da obra não perpassa simplesmente por essa questão. É possível também dizer que Platão não faz uma crítica inteiramente à retórica, mas sim a um tipo de uso da mesma (segundo endossa KASTELY, 1991) além de defender outro ponto de vista da retórica. As questões tratadas por Platão na obra são vastas, bem como a construção das personagens que fazem parte do diálogo.

Trataremos nesse trabalho a leitura da retórica de Platão¹, sua visão do tema e ainda como ele constrói seu argumento, bem como é utilizada a própria retórica em sua obra para construir e para desconstruir a mesma. Centraremos nosso estudo no *Górgias*, já que é nessa obra que Platão trata com mais veemência o tema da retórica, além de ser um diálogo riquíssimo em temas que abrangem a obra platônica.

¹ Centraremos essa leitura no *Górgias*, perpassando ainda por algumas outras obras rapidamente.

Platão nasceu aproximadamente em 427 a.C.² em Atenas e morreu em 347 a.C. Rigorosamente, sabe-se pouco da vida de Platão, sabe-se que era nascido de uma família de aristocratas que possuíam muito dinheiro e prestígio³. Sua educação na filosofia se deu por diversos tutores, entre eles Heráclito e Euclides de Megara, além de ter mostrado também uma forte influência dos pitagóricos por sua obra (DODDS, 1959). A obra platônica é muito vasta e foi preservada durante o tempo devido aos esforços de Trasiló de Alexandria que editou e organizou um corpus com todas as obras de Platão e outros textos platônicos atribuídos a alunos da Academia que Platão montou em Atenas.

O *Górgias* está entre essas obras, e é aquela, como já apresentado, considerado o mais atual dos diálogos platônicos. Ora, a antiguidade clássica é permeada pela retórica e esse tema é comum em grandes autores e filósofos tais como Aristóteles, Cícero e Quintiliano; e é de Platão que se extrai a pura influência do pensamento desses grandes filósofos clássicos. Nesse diálogo, Sócrates discorre com três interlocutores: Górgias, Polo e Cálicles; além de existir uma quinta personagem: Querefonte. Os três interlocutores de Sócrates, escolhidos e construídos minuciosamente por Platão, têm uma função diferente no diálogo, gerando até um tratamento especial de Sócrates para cada um, segundo KASTELY (1991).

É um tema central também do diálogo a definição da retórica como *techne* (arte, habilidade, técnica) ou *empeiria* (ciência). ROOCHNIK (1994) coloca a retórica como uma *techne* já que ela trata do *logos*; ora, é justamente esse ponto que é discutido no *Górgias*, Sócrates coloca que a retórica não possui um *logos*. Essa definição da retórica sendo uma arte ou não percorre por muito da obra, assim pretendemos discuti-la neste trabalho.

Cícero diz em seu *de Oratore*:

*quo in libro in hoc maxime admirabar Platonem, quod mihi in oratoribus iridendis ipse esse orator summus uidebatur.*⁴

Neste livro [Górgias] eu admirava muito Platão, que enquanto ele parecia a mim um grande orador, ria de outros.⁵

Ora, alegação de Cícero fortifica um ponto muito importante a ser observado nessa obra de Platão: É utilizada muito bem a retórica para poder desconstruir a mesma e defender um novo ponto de vista para o orador. Platão ainda coloca pontos que reforçam como a dialética que Sócrates usa é única, quando o coloca no final do diálogo em um monólogo, fazendo-o terminar o raciocínio, pois não há ninguém para refutá-lo. Esses pontos da retórica platônica são colocados por toda a obra, já que, segundo

² As datas que serão apresentadas correspondentes ao nascimento ou mesmo a criação das obras é aproximada, já que tentar estabelecer uma data exata é muitas vezes dúbio.

³ A biografia de Platão e de muitos outros filósofos do século V e IV a.C. são contadas por Diógenes Laércio em seu *Vitae Philosophorum* (datado de 250 a.C. aproximadamente).

⁴ Cícero - *De Oratore*, I.xi.47

⁵ Salvo em indicações diferentes, as traduções dos textos latinos e gregos para o português é nossa.

PETRUZZI (1996), os sofistas não conseguiam encontrar a verdade através de sua retórica, sendo assim, era necessário que desconstruísse a mesma a fim de colocar uma nova forma dessa procura pela *aletheia* (verdade).

Essa procura pela *aletheia*, a caracterização da retórica dos sofistas e de Sócrates de Platão e a questão da retórica como *techne* ou *empeiria* serão discutidas durante esse trabalho.

O Orador de Platão: Os sofistas e a busca da *aletheia*

Platão se estabelece no pensamento socrático da busca da verdade. A palavra usada no grego é *aletheia* é composta da raiz *lethe* e de um alfa privativo, *lethe* sendo o escondido, o esquecido, o esquecimento; ou seja, pode-se pensar numa tradução literal da palavra: aquilo que não se esquece, o que se revela. Ora, para HEIDEGGER em seu *Plato's Doctrine of Truth*⁶, Platão mudou a noção de *aletheia* no pensamento grego. Primeiramente, Socraticamente falando, usava-se o conceito daquilo que se revela como verossímil, porém em Platão, *aletheia* é aquilo que é correto, ou seja, aquilo que por natureza é correto e assim sendo não pode estar escondido, mas é pura e limpamente visível como correto. Apesar dessa visão de Heidegger, estamos a concordar mais com a visão de PETRUZZI (1996) quando esse diz que a verdade platônica se estabelece na retórica.

Estar em verdade para em Platão é estar em comum acordo com o interlocutor, ou seja, utilizar-se da retórica, da persuasão para a revelação da verdade. A retórica então seria o meio para essa procura, o que estaria em comum acordo com Platão. Ora, assim Platão não poderia contestar a retórica em si, afinal, é essa que se mostra como meio para atingir o que perpassa toda a obra platônica: o bom e o belo. Assim entra-se num ponto muito importante do estudo da retórica: o orador.

Durante o *Górgias*, Sócrates troca de interlocutores, ora com Górgias, ora com Polo, ora com Cállicles; cada vez que o diálogo muda as personagens, Sócrates muda o seu modo de argüir: quando fala com Górgias ele é respeitoso, quando Polo é o seu dialogado ele é provocativo e finalmente com Cállicles ele se mostra agressivo⁷. Platão coloca Sócrates agindo de tal modo diferente com cada interlocutor para expor assim seu pensamento sobre caricaturas que são montadas nesse diálogo de Platão. Górgias foi um sofista muito importante, contemporâneo de Sócrates e Platão, e era tido como um grande professor de retórica; na obra que carrega o seu nome, sua personagem é tida como uma figura representativa dos grandes sofistas da época de Platão⁸; logo se explica a posição de Sócrates perante seu interlocutor. Segundo KASTELY (1991), a personagem de Górgias representa uma falsa busca da retórica como uma *techne* que é útil ao público, mas não ao bem.

⁶ Nesse trabalho de Heidegger, ele discute o mito da caverna de Platão na *República*, perpassando principalmente o tema da verdade platônica, assim como também analisando o mundo inteligível de Platão em contraposição ao conhecimento e a *aletheia*.

⁷ Sobre o assunto ver KASTELY, J. L. (1991).

⁸ Sobre os sofistas na obra platônica ver DODDS (1959).

Ora, para Platão essa posição de Górgias, apesar de ruim, é melhor do que a de Polo. Esse é colocado como um aprendiz daquele, portanto jovem e inexperiente. Polo pode ser comparado até certo ponto com Trasímaco da *República*, uma personagem insistentemente teimosa; ora, Polo se utiliza da retórica como uma arte de pugilismo⁹, sendo que o seu interesse não é a busca pelo bem, mas sim apenas a “vitória” numa batalha dialética. PETRUZZI coloca que, em Platão, na busca da verdade é preciso que os interlocutores venham a argüir com convicção, não apenas na busca de “ganhar” a argumentação; desse modo, aqueles que estão somente para a vitória¹⁰ podem perder a cabeça num diálogo, ficarem nervosos ao pensar que seu interlocutor age por maldade e são levados por esse espírito competitivo a afirmar posições que não acreditam, desviando assim o verdadeiro propósito da retórica: a revelação da verdade. Assim pode-se dizer que Polo representa essa imaturidade dos sofistas, aqueles inexperientes, jovens e senis, que tentam utilizar-se da retórica como um método “pugilístico”. Platão também coloca o argumento de Polo sobre a retórica um tanto quanto adverso, em sua opinião, ela é um meio do homem chegar e manter-se no poder¹¹; argumento refutado e calado rapidamente por Sócrates. A atitude infantil de Polo logo é silenciada por Sócrates numa construção retórica muito interessante, através de alternância do questionador, Sócrates consegue montar uma argumentação¹² que desconstrói a idéia de Polo.

Cálicles assume também uma posição parecida com a de Polo diante a retórica: um caminho para o poder. Cálicles era um aristocrata, participava ativamente da política ateniense, fazia parte também da pritanía; no *Górgias*, Cálicles aparece como um dialogado arrogante que defende a aristocracia. Sendo assim, é claro o ponto que Cálicles está a se colocar, como alguém que busca da retórica manter-se na política. Ora, mas um dos principais pontos do *Górgias* é uma crítica a democracia ateniense¹³, logo se pode entender a intenção de Sócrates em seu discurso com Cálicles. Segundo STAUFFER (2002), Cálicles ainda não é entendido por muitos críticos, já que ele é uma personagem muito mais complexa do que pura vilania representando a tirania democrata ateniense. O diálogo entre Cálicles e Sócrates se inicia num ponto muito importante para o ponto de vista do estudo da retórica: Cálicles critica Sócrates por ter

⁹ Platão coloca esse ponto durante o discurso no *Górgias*, quando Sócrates dialoga com Górgias: a retórica deve ser utilizada como *tei allei pasei agonía*, ou seja, as outras artes de competição, exemplificado posteriormente com o pugilato. (Gorgias 456de).

¹⁰ PETRUZZI argumenta que nesse ponto Platão está a criticar os sofistas, aqueles que argumentam somente para a vitória injusta perante uma argumentação, e não em busca da verdade.

¹¹ Em 470de, Polo cita Arquelau, rei da Macedônia como alguém que se utilizou da retórica para chegar ao poder, cometendo grandes crimes. Sócrates desconstrói o pensamento do jovem numa discussão sobre o padecer e o cometer uma injustiça. Sobre o assunto ver DODDS (1959).

¹² KASTELY (1991) coloca que em alguns pontos os argumentos de Sócrates são até bizarros, porém essa é a intenção de Platão, uma argumentação excêntrica para desconstruir a teimosia de Polo.

¹³ Sobre a crítica à democracia ateniense no *Górgias*, ver DODDS (1959).

continuado na filosofia e abandonado a vida política, enquanto Sócrates defende que estar com a filosofia é estar em harmonia consigo mesmo¹⁴.

Ao final da obra temos, então, uma visão do que o orador platônico não deve ser: um aristocrata, inexperiente em busca da vitória dialética e não da verdade; porém não se tem o que se deve procurar um retor ideal, segundo essa análise. Ora, mas Platão coloca durante a obra um pouco da sua visão ideal o orador. No começo de seu diálogo, Sócrates define com Górgias que aquele que ensina a retórica deve ser justo, para assim poder passar a justiça, a noção do bom e do belo, para seus discípulos. Ora, assim podemos pensar no orador ideal de Platão aquele que tem o pleno conhecimento da justiça, do bom e do belo; ora, mas para Platão esse conhecimento é adquirido através do embelezamento da alma, como atesta no *Fédon*, e esse embelezamento é do melhor nível feito pelos filósofos, que dentre todos são aqueles que prezam mais pela alma. Desse modo podemos levar a pensar que o orador que Platão monta como ideal é um filósofo ensinado nas doutrinas da justiça¹⁵.

PETRUZZI também coloca que Platão mostra o orador como aquele que procura incansavelmente o conhecimento¹⁶, esse conhecimento se mostrando como a revelação da *aletheia*, a verdade que é o fim do orador ideal. Nesse pensamento, também nota-se como se deve fazer essa revelação. No *Górgias*, Sócrates afirma:

*“Gosto de ser refutado quando estou errado e gosto de refutar quando erram, não sentindo nunca mais gosto em refutar do que ser refutado”.*¹⁷

Entra-se, então, em um ponto importante do método retórico de Platão: a refutação. Como coloca PETRUZZI (1996), a refutação nos diálogos de Platão aparece como um método retórico para a revelação da *aletheia*, já que o orador, para a verdadeira busca da verdade, deve refutar com convicção, acreditar no que é essa busca, para assim também poder aceitar a refutação alheia em vez de se enraivecer como se a retórica fosse uma arte de batalha. Ora, Platão coloca a retórica, então, como esse meio da busca, como já foi colocado neste trabalho. Para HEIDEGGER, a verdade se torna *a certeza da habilidade de perceber e declarar algo*. Essa afirmação de HEIDEGGER enquanto estuda o mito da caverna na *República* é colocada por PETRUZZI (1996) como essencial na definição do orador platônico, já que esse deve ter essa habilidade de perceber a verdade, declará-la ao seu interlocutor e a convicção de que é a verdade que fala, não desviando de seus preceitos para apenas vencer na argumentação.

No começo de seu diálogo com Cálicles, Sócrates também coloca que o bom orador deve ter conhecimento, benevolência e franqueza¹⁸. Ora, esses pontos de

¹⁴ “Ora eu considero, meu caro amigo, que me é preferível ter uma lira desafinada e dissonante, dirigir um coro a que falte toda a coesão, ou estar em desacordo e oposição com a maioria das pessoas, a estar em dissonância e contradição comigo próprio” – Górgias 482 bc - A tradução do *Górgias* para o português usada nesse trabalho foi feita por PULQUÉRIO.

¹⁵ Pode-se comparar essa figura ao guardião da *polis* que também é construído na *República*. Sobre o assunto ver PRADO, Anna L. A. de A. (2006)

¹⁶ *Menon 81b*

¹⁷ *Górgias 458a*

¹⁸ *Gorgias 487a*

Sócrates mostram mais uma parte da imagem do orador platônico. O conhecimento, *episteme*, corresponde a sabedoria do orador conforme a verdade, a realidade, assim não podendo ele desviar seu discurso para assuntos irrealis, que não correspondem ao que ele próprio sabe, tem conhecimento; a benevolência, *eunoia*, é aquele que caracteriza o bem no orador, ou seja, indica que o orador é justo, não podendo ele praticar uma injustiça, nem mesmo ensinar uma injustiça¹⁹; e por fim a franqueza, a *parresia*, que coloca no orador a capacidade de refutar não importando com quem ele dialoga, assim como admite que ele mesmo seja refutado e não fique nervoso com tal.

Interessante é notar o final do diálogo, quando Sócrates termina a obra num monólogo. Ora, para KASTELY isso acontece já que Platão demonstrou como não se deve ser construído o orador, assim Sócrates termina o diálogo com um recurso retórico numa tentativa de demonstrar como a retórica deve ser usada, e ao final demonstrando que ainda não são os sofistas, nem os políticos bons para serem oradores, não são ainda portadores do conhecimento para poderem se utilizar da retórica.

Desse modo, podemos perceber como é complexa a definição do orador de Platão, assim como também complexo é definir seu intuito. Apesar de ainda estarmos no começo dessa pesquisa, podemos perceber já algumas das características principais do orador platônico, assim como alguns de seus pontos de procura na retórica; porém ainda nos falta procurar mais em outras obras de Platão essas definições mais acentuadas.

A Retórica: *Techne* ou *Empeiria*?

No começo do *Górgias* já é colocado em questão para o interlocutor de Platão de nome homônimo a obra do que se trata a retórica, qual é seu objeto de estudo. Sócrates questiona Górgias:

“(...) diz-nos tu próprio [Górgias] como devemos chamar-te em função da arte que exerces”.

Górgias logo responde a Sócrates que sua arte é a retórica. A palavra usada por Górgias é *techne*²⁰. Uma palavra muito complexa que é traduzida muitas vezes por *arte*, designa uma habilidade, uma obra, um trabalho, entre outras coisas. São colocadas como arte, por Platão, também, a medicina, a ginástica; porém no começo do *Górgias* existe uma acusação da retórica como arte, como coloca ROOCHNIK (1994). Sócrates coloca a retórica como uma *empeiria*, não uma arte. Ora, a afirmação de Sócrates traz a idéia de que a retórica não é nobre para ser uma *techne*, e segundo o próprio no diálogo, ela é irracional, pois não consegue achar sua *aitia*, seu propósito, logo se compõe como *alogos* e não *logos*. Desse modo coloca-se que a retórica traz não um conhecimento, mas sim uma crença, e sendo uma crença potencialmente falsa, ela não pode ser

¹⁹ Platão coloca no começo do *Górgias* como o orador não pode ensinar a injustiça, já que ele tem de ser necessariamente justo, assim ele seria incapaz de repassar algum conhecimento que não seja justo.

²⁰ A definição de *techne* no *Langenscheidt Pocket Dictionary - Classical Greek* é: *art, skill, craft, trade, science; artifice, cunning, trick; work of art.*

considerada como portadora de conhecimento, logo não pode ser uma *techne*. Sócrates ainda parte para argumentos mais agressivos contra a retórica, comparando-a com a técnica da cozinha. Separando-se o corpo da alma e cada um é comandado por duas artes que com elas saberão a boa condição de ambos os corpo e alma. Para o primeiro tem-se a medicina e a ginástica, para o segundo a justiça e a legislação. A retórica aparece para a alma como a cozinha para o corpo, algo que se acha que é bom, porém não passa de crença, potencialmente falsa. Segundo DODDS, Platão aponta a retórica como algo que não pode ser *techne* já que ela está para agradar, e não sabendo o que agrada a cada um, não se sabe qual é o propósito da retórica.

Para PETRUZZI, Platão não está a atacar a retórica, mas sim a procurar seu motivo, sua *aitia*. Ora, durante a vivência de Platão, usaram da retórica os políticos, os democratas, que são a crítica platônica durante o *Górgias*. Sendo assim, está procurando-se o verdadeiro motivo da retórica, sua utilidade para a revelação da verdade. Desse modo, pode-se dizer que a retórica seria dividida em duas: a boa retórica e a má retórica. A primeira aquela que estaria a procura da verdade, usada como meio para alcançar o bom e o belo; a segunda utilizada injustamente, abusivamente por políticos e sofistas que não têm o interesse com a verdade, nem mesmo com o bom e o belo. Ora, desse modo pode-se dizer, segundo ROOCHNIK, que cada qual dessas duas retóricas pode ser classificada de um modo diferente, tanto *techne* como *empeiria*²¹.

Considerações Finais

Observamos, por fim, como se estabelece complexamente a definição da retórica em Platão. Sendo a obra desse filósofo tão vasta, torna-se muito acessível muito desse estudo, sendo esse o autor que sobre sua obra completa nos tempos modernos. Em relação ao diálogo do *Górgias* viu-se como se estabelece alguns pontos da característica da retórica em Platão, assim como a sua crítica diante ao uso abusivo da retórica pelos sofistas, por jovens inexperientes e mesmo pelos seus contemporâneos democratas.

Propõe-se ainda um estudo mais vasto na procura de uma caracterização mais detalhada e específica da retórica. As características da retórica platônica assim como o filósofo a utiliza em seus textos será algo a ser abordado com mais afinco durante a pesquisa. A abordagem de Platão da retórica acontece principalmente em duas obras, a estudada nesse artigo e o *Fedro*, porém, como se viu durante este trabalho, a questão da retórica permeia quase que toda a obra de Platão, sendo esse assunto fundamental para o entendimento da civilização antiga, tanto grega quanto romana.

Ainda mais, há de se estudar com mais afinco a figura do orador na obra de Platão, afinal, como se mostrou nesse trabalho, essa figura tem grande importância no estudo das características da retórica platônica. Além disso, vê-se também como Platão estabelece uma comparação com figuras de outros oradores ou figuras de oradores de

²¹ Platão deixa um legado que é essa classificação da retórica como arte ou apenas uma ciência. Cícero discuti esse tema muito veementemente no seu *de Oratore*, assim como Quintiliano em seu *Institutio Oratoria*, assim como também é discutido muito esse assunto em outras obras grandes filósofos da antiguidade como Aristóteles e Isocrates.

sua época, assim também podendo estabelecer alguns pontos da retórica na democracia grega e como Platão a via e criticava.

Acreditamos, por fim, que é importante também, secundariamente, estabelecer um diálogo com o legado de Platão, no que tange o tema da retórica. Cícero e Quintiliano dialogam com a obra platônica constantemente e a leitura de suas obras e a sua visão da obra de Platão também deve ser observada e estudada para a melhor compreensão da retórica, um assunto que permeia toda a história antiga.

Referências Bibliográficas:

- BINI, E. (2008). *Diálogos III – Platão*. EDIPRO, Bauru, SP
- DODDS, E. R. (1959). *Ed. Gorgias by Plato*. Oxford Press, Oxford, 1959
- FEYERABEND, K. (1985). *Langenscheidt Pocket Dictionary Classical Greek*. Langenscheidt Publishers, New York
- FOWLER, H. N. (1999). *Plato I – Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts
- KASTELY, J. L. (1991). “*In Defense of Plato’s Gorgias*”. PMLA, Vol. 106, No. 1, 1991, pp.96-109
- LAMB, W. R. M. (1977). *Plato: Laches, Protagoras, Meno, Euthydemus*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts
- LEVETT, B. (2005). “*Platonic Parody in the ‘Gorgias’*”. Phoenix, Vol. 56, No. 3/4, 2005, pp.210-227
- PRADO, A. L. A. De A. (2006). *A República – Platão*. Martins Fontes, São Paulo, SP
- PETRUZZI, A. P. (1996). “*Rereading Plato’s Rhetoric*”. Rhetoric Review, Vol. 15, No. 1, 1996, pp 5-25
- PULQUÉRIO, M. De O. (2006). *Platão – Górgias*. Edições 70 Ltda., Lisboa, Portugal
- RACKHAM, H. (1942). *Cicero – on the Orator book III; on Fate; Stoic Paradoxes; The Divisions of Oratory*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts
- ROOCHNIK, D. (1994). “*Is Rhetoric an Art?*”. Rhetorica, Vol. 12, No. 2, 1994, pp. 127-154
- SHEEHAN, T. (1998). “*Martin Heidegger – Plato’s Doctrine of Truth*”. Martin Heidegger – Pathmarks, Cambridge University Press, 1998, pp 155-182
- STAUFFER, D. (2002). “*Socrates and Callicles: A reading of Plato’s ‘Gorgias’*”. The Review of Politics, Vol. 64, No. 4, 2002, pp 627-657
- SUTTON, E. W. (1942). *Cicero – de Oratore books I-II*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts